

TECENDO RELAÇÕES ENTRE UM CORPO DISSIDENTE E A DANÇA

ALÊXANDER CHRISTOPHER PEREIRA GARCIA¹; CARMEN ANITA
HOFFMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – alexandergarcia.danca@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carminhadanca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se inscreve no campo da Educação, mas numa educação atravessada pela arte e pela vida. O que me move aqui é a pergunta: **como a dança pode se tornar um espaço de legitimação e invenção para corpos dissidentes, sem reduzi-los à lógica da adaptação ou da normalização?**

Para sustentar este percurso, tomo como referências os escritos de Aldo González (2018), que convoca uma pedagogia queer capaz de deslocar identidades fixas e domesticações pedagógicas; de Josiane Franken Corrêa; Iassanã Martins da Silva; Vera Lúcia Bertoni dos Santos (2017), que discutem concepções pedagógicas no ensino da dança e apontam os limites de práticas ainda muito normativas; e de Maria Falkembach (2017), que revela como os dispositivos disciplinares atravessam os corpos nas práticas escolares de dança, produzindo subjetividades, mas também resistências.

Dançar, para mim, nunca foi apenas mover o corpo. Foi sempre um gesto de sobrevivência, uma forma de estar no mundo sem pedir licença. Um corpo dissidente é este que escreve, este que insiste em existir fora dos moldes da norma que carrega na pele e nos ossos marcas de exclusão, mas também possibilidades de reinvenção. A dança, nesse sentido, se apresenta como território de disputa e de acolhimento: disputa, porque insiste em enquadrar corpos dentro de formas pré-estabelecidas; acolhimento, porque, em seus desvios e improvisos, abre brechas para que a diferença se manifeste como potência

A dança, para além da técnica, se mostra aqui como um espaço de luta e de criação: um campo em que corpos dissidentes não apenas participam, mas produzem novas formas de ensinar, aprender e viver a própria arte. O objetivo, portanto, é **tecer relações entre corpo dissidente e dança**, afirmando a urgência de pedagogias que não nos tolerem, mas que nos acolham como protagonistas de novos mundos possíveis.

2. METODOLOGIA

Este trabalho nasce de uma pesquisa (auto)biográfica, uma escrita encarnada, atravessada por minha experiência como homem trans e pesquisador no campo da arte-educação.

Assim este trabalho inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e reflexivo, com abordagem interpretativa-performativa. De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa “é uma atividade situada que localiza o observador no mundo, transformando-o em uma série de representações”. Nesse sentido, a análise aqui proposta não se limita à

leitura crítica das referências teóricas (González, 2018; Corrêa; Silva; Santos, 2017; Falkembach, 2017), mas incorpora a experiência encarnada de um corpo dissidente, assumindo a escrita como prática ética, política e estética.

A leitura crítica de GONZÁLEZ (2018), CORRÊA; SILVA; SANTOS (2017) e FALKEMBACH (2017) compõe a base teórica, mas é o diálogo entre essas autoras e o corpo que escreve que dá contorno à análise.

Metodologicamente, parto de uma postura interpretativa e performativa, entendendo o texto como lugar de criação onde conceitos, memórias e movimentos se entrelaçam. O procedimento consistiu em identificar, nas obras consultadas, elementos que iluminam a relação entre dança, disciplina, subjetivação e dissidência, buscando aproximá-los da vivência de quem habita um corpo que, muitas vezes, foi negado nos espaços de dança.

Assim, não se trata apenas de “analisar” teorias, mas de colocar meu corpo em diálogo com elas, assumindo a escrita como gesto ético, político e estético. A colocação desse corpo acontece em três experiências com a mesma provocação: o meu tcc de graduação do curso de dança-licenciatura, a montagem do espetáculo e o estágio docente já no programa de mestrado.

O tcc intitulado (TRANS)FORMADOR: O ensino de dança na perspectiva de um artista . qual se deu em caráter autobiográfico, surge pela falta de autores trans em minhas pesquisas na graduação em dança, assim trouxe o olhar a memória de com foi o trajeto ate a graduação, nos ambientes de dança majoritariamente ciscentrados.¹

A montagem que se chama (TRANS)parente, um espetáculo de dança contemporânea que no processo acabou se tornando um espetáculo solo, mas não solitário que fala da trajetória de um corpo trans na cena das artes. O espetáculo tratou de pesquisar o movimento pela respiração tornando-o único mas não individual.

Já o estágio docente trouxe a problemática de como os estudantes de dança estavam se preparando para o ensino de dança não hegemônico e heteronormativo, busquei trazer para os estudantes o brincar com dança brincando. O estágio aconteceu na disciplina de estágio obrigatório nos anos iniciais com a professora Dra. Josiane Franken, na Escola Nossa Sra Medianeira com turmas de 1 a 4 ano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao entrelaçar teoria e experiência, percebo três dimensões principais que emergem nesse diálogo:

1. A pedagogia queer e o deslocamento necessário.

A pedagogia queer, como propõe González (2018), não se limita a reivindicar a mera inclusão do “outro” em um sistema que permanece estruturalmente inalterado; ao contrário, trata-se de uma prática pedagógica que busca desestabilizar as próprias bases desse sistema, tensionando suas fronteiras e deslocando os referenciais que determinam o que é reconhecido como legítimo ou possível de existir. Nesse sentido, pensar a dança a partir dessa perspectiva implica ir além da lógica da adaptação ou da tolerância, recusando os moldes rígidos que historicamente classificaram corpos em categorias binárias, tais como aptos ou inaptos, corretos ou desviantes. A pedagogia queer se apresenta, assim, como um convite à criação de novas epistemologias corporais que não estejam comprometidas com a normatividade, mas que se abram à multiplicidade de

¹ Ciscentrado vem da palavra cisgenero que define pessoas que se identificam com o sexo e genero biologico imposto a nascimento. ciscentrado é tudo aquilo que esta e permanece na norma cisgenera, homem e mulher.

experiências e movimentos. Nessa chave de leitura, o corpo dissidente não é concebido como anomalia a ser corrigida, mas como potência estética e política capaz de reconfigurar o campo da dança. O meu corpo, tantas vezes interpretado como “fora do lugar”, não precisa ser domesticado nem encaixado em molduras preexistentes; ele se afirma, em sua singularidade, como espaço de invenção, instaurando outras possibilidades de pensar, ensinar e experienciar a arte.

2. Concepções pedagógicas de dança e o risco da exclusão velada.

Corrêa, Silva e Santos (2017) destacam que o ensino da dança, quando estruturado a partir de referenciais técnicos normativos, incorre frequentemente no risco de uma exclusão silenciosa, na qual corpos que não correspondem a tais padrões são tolerados, mas não verdadeiramente legitimados em sua potência criativa e formativa. Esse processo de exclusão, ainda que velado, revela como a própria lógica pedagógica pode reproduzir desigualdades, ao definir quais corpos têm autoridade para dançar e quais são relegados à condição de “exceção”. Em muitas salas de aula de dança, corpos trans, gordos, negros ou com deficiência ocupam um espaço de presença meramente simbólica, sendo aceitos desde que não desestabilizem os códigos preestabelecidos de técnica e estética. No entanto, tolerância não é sinônimo de reconhecimento. O grande desafio que se impõe, portanto, é a criação de pedagogias que não apenas abram espaço para a diversidade corporal, mas que se deixem efetivamente atravessar, deslocar e transformar pela experiência desses corpos. Trata-se de repensar o ensino da dança como prática relacional e dialógica, em que as diferenças não sejam neutralizadas ou assimiladas, mas reconhecidas como motor de invenção e como instâncias produtoras de novos modos de saber e de viver a arte.

3. O corpo entre disciplina e invenção.

FALKEMBACH (2017) demonstra como a disciplina atravessa o ensino da dança, regulando gestos, posturas e expressões. No entanto, a disciplina não é destino final: corpos dissidentes podem ressignificá-la, deslocando sua função repressiva para transformá-la em ponto de partida para invenção. Quando me movimento em sala de aula, mesmo que minha forma de estar em cena não corresponda ao esperado, há ali uma fissura e é dessa fissura que brota outra dança.

Essas três dimensões convergem para a ideia de que a dança, quando atravessada pela pedagogia queer, pode se tornar um espaço de emancipação e não de enquadramento. Os corpos dissidentes, em vez de exceções a serem assimiladas, revelam-se como protagonistas que expandem os horizontes da própria arte.

4. CONCLUSÕES

Dançar com um corpo dissidente é, sem dúvida, dançar contra a maré, mas é também dançar inventando novas correntes que transformam a própria paisagem por onde passam. Este trabalho evidencia que a pedagogia queer, ao se entrelaçar com o ensino da dança, não se limita a reivindicar espaços de inclusão, mas propõe uma ruptura radical com os regimes normativos que historicamente regulam os corpos. Nesse entrecruzamento entre teoria e experiência, compreende-se que a diferença não deve ser apenas tolerada, mas celebrada como potência criadora, como condição fundamental para a reinvenção da prática pedagógica e artística.

A contribuição central aqui delineada consiste em deslocar a lógica da inclusão — que, em muitos casos, apenas concede às existências dissidentes a possibilidade de ocupar lugares previamente delimitados — para a lógica da invenção, em que nossos corpos não apenas participam do processo, mas se tornam agentes ativos na geração de novas formas de ensinar, aprender e, sobretudo, de existir no mundo. Nesse sentido, a dança, sob o olhar da pedagogia queer, deixa de ser compreendida exclusivamente como técnica ou disciplina e passa a se configurar como gesto político e ético, um campo no

qual os corpos dissidentes reconfiguram estruturas, instauram fissuras e criam outras arquiteturas possíveis de convivência.

Assim, o percurso aqui desenvolvido, através da minha experiência proposta no tcc, na montagem e no estágio docente, reafirmam que a dança pode e deve ser entendida como espaço de emancipação, em que a diferença não é obstáculo, mas caminho para novas epistemologias do sensível. O corpo dissidente, longe de representar exceção ou anomalia, torna-se centro irradiador de saberes, experiências e criações que desestabilizam as fronteiras do que é reconhecido como válido. Dessa forma, ao dançar, não apenas ocupamos o espaço, mas o transformamos; não apenas seguimos a maré, mas inventamos correntes que nos permitem mover em direção a mundos mais justos, plurais e abertos à potência da diversidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, J. F.; SILVA, I. M. da; SANTOS, V. L. B. dos. Concepções pedagógicas no ensino de dança: apontamentos. Revista da FUNDARTE, Montenegro, v.17, n.33, p. 117-133, 2017.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens, v. 2, p. 15-41, 2006.

FALKEMBACH, M. F. Corpo, disciplina e subjetivação nas práticas de dança: um estudo com professoras da rede pública no sul do Brasil. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.42, n.3, p. 1123-1141, 2017.

GONZÁLEZ, A. O. Entrevista sobre pedagogia queer e educação inclusiva. Pedagogías Queer, Santiago: Ediciones Quinto Elemento, 2018.